

Cidade do passado

(Viagem de estudo à Polónia, no âmbito do projecto

***Jewish History in Europe*, a convite do ‘Goethe Institut’)**

Já passou quase um mês desde a visita à Cracóvia. Eu, o Alexandre, o Pedro, o Richad, a Sattut e a professora Helena passámos cinco dias entre o presente e o passado, entre memórias e acontecimentos, entre risos e lágrimas.

Agora, com algum distanciamento, é mais fácil perceber tudo o que esta viagem me trouxe. Não foi só a cidade em si que me encantou, apesar do frio polar e do pôr-do-sol às três da tarde, mas o que visitámos, o que vivenciámos, o que aprendemos. Não só sobre Cracóvia, nem só sobre o Nazismo, nem só sobre a mágoa de um povo, nem só sobre a tristeza e a culpa que a memória pode trazer. Foi, também, uma aprendizagem sobre aquilo que somos capazes de ser e de suportar.

Parte da cidade, envolta na mística natalícia e invernal, transporta-nos para o passado ou, talvez, para os livros de histórias. Um mercado de natal, uma Igreja extraordinariamente bonita, pessoas com gorros peludos e crianças a brincar junto a uma fonte. Estávamos no centro da cidade, a zona desenhada para turistas onde as pessoas nos olhavam de forma estranha, afinal, rimo-nos demasiado e parecemos demasiado felizes. Ainda assim, esboçam um sorriso quando pedimos alguma coisa com simpatia. São, afinal, simpáticos do seu próprio modo. Frios, distantes e com uma inveja terrível deste povo estranho que ria e troçava de situações caricatas.

A outra parte transportou-nos para os Livros de História. Estávamos, afinal, nas ruas que serviram de cenário à “Lista de Schindler”, agora recuperadas e quase irreconhecíveis. Passámos pelas sete sinagogas que, antes da guerra, serviam os milhares de judeus que ali viviam. Apercebemo-nos, então, que mesmo havendo ali vida pretende-se que haja um grande memorial. O mundo judaico não pôde, para aquelas pessoas, ficar só guardado na memória.

Assim, uma inteira zona da cidade é hoje explorada em nome dessa memória e dessa cultura que morreu ali.

Este culto à memória judaica torna-se incrível pois, afinal, Cracóvia é das cidades europeias mais católicas. Há, ali, uma divisão clara, em termos de cidade, entre catolicismo e judaísmo. Contudo, mesmo assim, importante é honrar tão importante memória.

E, se de memória se fala, não seria possível visitar a Polónia, no âmbito deste projecto, sem visitar Auschwitz e Birkenau. Poderia, e penso que é isso que me é pedido, descrever exaustivamente o que lá se passou. Poderia contar cada pavilhão que visitámos, cada passo que demos dentro das camaratas. Contudo, não faria sentido. Não faria sentido porque todos sabemos o que lá se passou, todos sabemos o que vamos encontrar. Eu sabia, tal como vós. Contudo, só percebi o que realmente aconteceu quando vi, cheirei e, de uma maneira muito estranha, senti.

Menos intenso (afinal, chegar ao mesmo nível de intensidade é um desafio que espero que a Humanidade não consiga ganhar), mais leve, mas extremamente didáctico foi a visita à Fábrica de Shindler. Retrata, de uma forma nada aborrecida, a História da Polónia. O que aconteceu antes da Guerra, o que aconteceu durante e como aconteceu. Vemos, mais uma vez, a revolta nos olhos de quem nos guia e nos fala da Guerra. Vemos sempre a mesma revolta e, ao mesmo tempo, o mesmo olhar de resignação. Não conseguimos perceber se há raiva ou uma tentativa de desculpa. Não conseguimos perceber se algum dia vai haver perdão. Esta história, tão recente, afinal faz parte da família de cada um deles. Raros são, certamente, os polacos que não tiveram um avô a lutar contra o regime, um avô preso, um avô judeu, um avô nazi. Enfim, um avô que foi alguma coisa que hoje, cada um deles, honra ou desonra. Ama ou odeia. Facto é que vive com isso todos os dias. E, se não na cabeça, pelo menos nas ruas, nos passeios, nas placas da cidade.

Digo, depois de tudo isto, que Cracóvia é cidade do passado. Talvez não seja o mais belo dos passados, mas não é só esse o passado. São anos de história para reviver e aprender.

Margarida Riso, Dezembro 2011